

TEMATIZANDO DIVERSIDADE NA AULA DE INGLÊS

Ana Souza (professora supervisora); Cristiano Nóbrega; Ingrid Dantas; Leonardo Lima;
José Leonardo Soares; Maura Dourado (Coordenadora); Marcos Bezerra; Pollyana Lima

*Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Letras/Inglês – CCHLA – UFPB
(Campus I)*

Introdução

Diversidade compreende tudo que apresenta diferenças em relação ao outro, individual ou coletivo, e pressupõe um padrão estabelecido. Embora as diversidades sejam intrínsecas e naturais à sociedade por razões históricas, alguns indivíduos e grupos sociais, que são ou foram considerados ‘fora do padrão’ e/ou ‘inferiores’, sofrem preconceitos e exclusão. Ironicamente, a escola, que deveria educar nas e para as diferenças tem sido palco de práticas preconceituosas e discriminatórias como o *bullying*, que não passa de uma versão atualizada de diversos preconceitos enraizados na sociedade. Todavia, o que outrora era silenciado tem se tornado componente curricular, ou seja, para além de uma disciplina.

Mas sobre o que estamos falando ao tematizar diversidade? Podemos dizer diferentes maneiras de ser, ver e viver no mundo e que todas têm o espaço e valor. Dessa perspectiva, a diversidade pode ser tanto tematizada nos documentos oficiais, como estratégia política, quanto na escola, como estratégia pedagógica de “esvaziamento e/ou apaziguamento das diferenças e das desigualdades” linguísticas, culturais, religiosas, étnico-raciais, etárias, de orientação sexual, entre outras. Sob o guarda-chuva da diversidade, a não legitimação nem, tampouco, a valorização das várias identidades e/ou culturas são perpassadas pelo apelo à tolerância, ao invés de respeito à diversidade. Rodrigues e Abramowicz (2013, p. 18) advertem que, “pedir tolerância ainda significa manter intactas as hierarquias do que é considerado hegemônico”, ainda que esse hegemônico esteja em ruínas na sociedade pós-moderna.

Não há como dissociar que questões e debates relativos à diversidade estão atrelados ao conceito de identidade, de cultura no sentido de formas de ser. Na década de 90, um grupo independente de economistas, cientistas sociais, artistas e pensadores, sob a coordenação do ex-secretário geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuéllar, redige o documento *Nossa diversidade Criadora*. Ideologicamente orientada, a tese central desse

documento sobre desenvolvimento e cultura “é a de que desenvolvimento compreende não apenas o acesso a bens e serviços, mas também a possibilidade de escolher um *estilo de coexistência* satisfatório, *pleno e agradável*, [que] contribuem para *nossa liberdade de viver de acordo com nossos próprios valores*. (UNESCO, 1997, p.21-22) [ênfase acrescida]. Também valorizando e defendendo tolerância à diversidade cultural, em 1996, a Comissão Internacional para a educação, liderada por Delors redige relatório da UNESCO acerca dos desafios para a educação no século XXI de uma sociedade globalizada, heterogênea, que vivencia intolerância e exclusão social de toda ordem. Face aos desafios elencados antes da virada do século, a Comissão apresenta quatro pilares, quais sejam para nortearem os currículos escolares. São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver, aprender a ser. Posteriormente, em 2001, em declaração universal, a UNESCO preconizou o respeito à diversidade cultural como condição indispensável às políticas para promoção de diálogo entre os povos e culturas. E na batalha pela educação para aprender a ser, viver, conhecer e saber na diversidade cultural, a UNESCO (2009) defende necessidade de educação inter e multicultural: No contexto da globalização, o aumento das migrações e o crescimento das cidades, os desafios conexos com a preservação da identidade cultural e o fomento do diálogo intercultural adquirem uma nova projeção e tornam-se mais urgentes. (p.5)

Na esteira dessas discussões, não há como se desconsiderar que o conjunto de documentos que compõem as políticas educacionais, incluindo os recentes Base Nacional Comum Curricular (2017) e Guia do Programa Nacional do livro didático (2017) têm tratado de forma central a questão da valorização da diversidade.

Dentre as diversidades pontuadas nos Referenciais Curriculares Estaduais para o ensino médio da Paraíba (PARAÍBA, 2007) estão: diversidade linguística, Étnico-racial, de gênero e sexualidade, religiosa, física e cognitiva, como, por exemplo, as deficiências.

Ações didático-pedagógicas: das políticas educacionais para a sala de aula

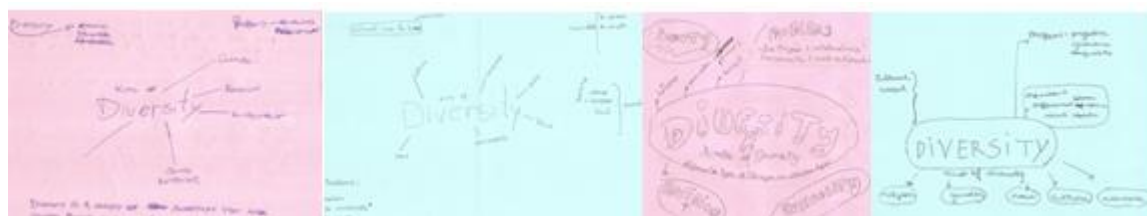
Sintonizada com o papel da escola de promover educação para a diversidade, a professora-supervisora elaborou projeto intitulado **Round The World Trip: Caminhos para a diversidade** com o intuito principal de preparar o aluno para a diversidade intercultural e “dar suporte aos alunos e oportunizar o desenvolvimento lingüístico a interação com outras culturas, para refletir criticamente sobre a diversidade existente no Brasil e no mundo promovendo o respeito às diferenças”. Considerando o alinhamento do

subprojeto aos estudos de letramento crítico, o planejamento e execução das aulas que gravitam em torno do tema diversidade têm abraçado a oportunidade de desconstruir a visão romântica de diversidade, problematizando os problemas advindos da não tolerância e, sobretudo, do não respeito em uma sociedade local, que carece de atitudes de respeito face à diversidade cultural nela existente, tomando por base discussões globais.

Face ao exposto este relato de experiência, fruto de uma pesquisa-ação, abarca da fase do planejamento à execução das atividades realizadas até a presente data, que incluem i) o planejamento com a coordenadora da equipe acerca das diversidades a serem tematizadas, bem como dos problemas advindos da intolerância às mesmas; ii) a atividade inicial em sala de aula apresentando o tema diversidade, iii) o planejamento da atividade seguinte, iv) a atividade de palavra cruzada, iv) o planejamento da atividade seguinte, v) as atividades para constatar diversidade inerente ao ser humano, charadas e conversa sobre diferentes ritmos musicais e danças. vi) Oficina de cartazes, contendo imagens que fizessem referência as diversidades em geral, no Brasil e no mundo.

A primeira reunião acerca do tema foi regida pela coordenadora, que conduziu uma tempestade de ideias com o termo ‘diversidade’, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 – folhas com tempestade de ideias



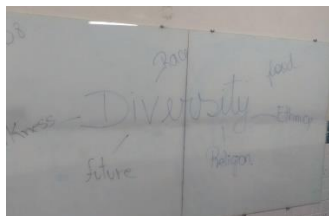
(Autoria própria)

Por mais que a atividade tenha sido lúdica, ela gerou dificuldades e angústia dos participantes, que, embora conhecessem o teor do projeto da professora supervisora, não tinham tido a oportunidade de realizar qualquer pesquisa prévia acerca do tema. A partir da atividade na reunião de planejamento, os professores em formação perceberam a amplitude e a proporção que um trabalho didático-pedagógico com o tema diversidade pode tomar. A partir dessa tempestade de ideias, a equipe definiu os objetivos gerais e específicos para a primeira aula temática.

Dando continuidade ao planejamento conjunto, os professores em formação buscaram dinamizar o tema com atividades que viessem ao encontro dos objetivos

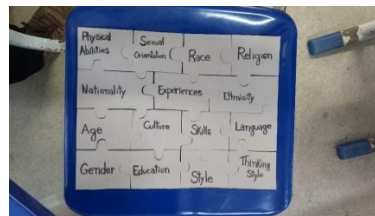
anteriormente planejados. Após muita pesquisa, foram estabelecidos os seguintes procedimentos metodológicos para a primeira aula. A aula seria iniciada com a escrita do termo diversidade no quadro, como ilustrado na Figura 2. E de forma semelhante ao planejamento, mas assumindo papel social diferente, foi elicitado dos alunos os tipos de diversidades que conheciam. Foi ainda trabalhado um quebra-cabeça contendo 15 peças, com palavras relacionadas à diversidade de forma de pensar, língua, étnica, físicas, habilidades etc como ilustrado na Figura 3.

Figura 2



(Autoria própria)

Figura 3



(autoria própria)

Ao finalizar essa etapa, dava-se início à etapa final, que consistia em um aluno de cada grupo estourar uma das quatro bexigas disponíveis, identificar a diversidade nela contida, discutir no grupo como gostariam de representá-la graficamente, podendo inclusive buscar inspiração em algumas imagens trazidas pela equipe de professores em formação. Um dos alunos de cada equipe deveria desenhar no quadro algo que remetesse à diversidade sorteada. A Figura 4 reconstrói esses desenhos feitos.

Figura 4



(Autoria própria)

Foi interessante perceber o quanto os participantes se fortaleceram enquanto grupo, pois se uniram em prol de representar em forma de desenho algo que em conjunto fora discutido em sala. Os alunos recebiam apoio e dica dos colegas de seu grupo, dentro do tempo determinado finalizam seus desenhos. A aula foi finalizada com o feedback dos alunos (que a partir dos nossos questionamentos direcionaram a conversa) referente aos

problemas que podem surgir quando existe a ausência do respeito em qualquer uma das diversidades.

Além das aulas regulares, é comum os professores socializarem seus projetos na escola, quando aprovado. De forma lúdica e interativa, o projeto foi apresentado aos alunos no auditório da escola. Buscando evitar a formalidade e distanciamento físico imposto pela distribuição do auditório, local geralmente reservado para ocasiões mais solenes, foi planejado uma dinâmica com as digitais dos alunos, com o intuito de desconstruir a crença de que somos iguais. Afinal, se todos têm digitais diferentes, por que a ilusão de sermos iguais? A dinâmica partiu do desenho prévio de galhos de uma árvore. A árvore ganharia vida com a diversidade das folhas, que seriam as digitais dos alunos, que seriam constituídas pelas diversas digitais, logo na entrada do auditório como ilustrado.

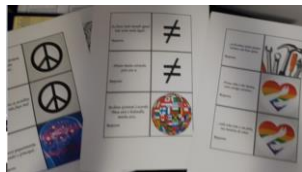
Figura 5



(Autoria própria)

Foi, também, proposto uma espécie de Role Playing Game (RPG), que resultou em um jogo de charadas, em que os alunos deveriam trabalhar em duplas para solucionar o enigma. Nas charadas houve uma certa preocupação estética relacionada à rima e à adequação ao tema diversidade. Por exemplo: *No alto da torre se mistura, mas por mais que se ouve não se escuta.* Resposta: *Language*. Figura: *Monge Escrevendo*. Na Figura 7, disponibilizamos o layout das charadas, minutos antes de serem cortadas em cartões menores, do tamanho de uma carta de baralho. Por fim, um dos bolsistas, que é instrutor de *break dance*, estilo de dança que é parte da cultura do *Hip-Hop*, abordou diversidade de uma outra perspectiva, também ilustrado na Figura 7.

Figura 7



(Autoria própria)

Uma outra atividade solicitada pela professora-supervisora foi a decoração de folhas no tamanho A5, com cabeçalho, nomes, slogan do PIBID, CAPES e o título do projeto para os alunos confeccionarem cartazes para uma Mostra na Escola. Caberia aos alunos selecionar imagens de revistas para retratar diversidade em seus cartazes, como ilustrado.

Figura 8



(Autoria própria)

Conclusão

Consideramos que o professor é um mediador no processo de construção de conhecimento, e perceber que estamos construindo de forma ativa e crítica, mesmo em tempos de Escola Sem Partido, a oportunidade para que os alunos da escola possam construir e expandir sua visão do tema diversidade tem sido muito positivo. A cooperação e o envolvimento ativo de todos nós, professores em formação, a atitude favorável e mediadora da professora-supervisora, além do encorajamento para decisão e ação dos professores em formação pela professora supervisora tem contribuído para vivência formativa ímpar para cada um de nós.

Referências

PARAÍBA. Secretaria de Educação. Coordenação do Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Fundamental da Paraíba**. João Pessoa: , 2010.

PARAÍBA. Secretaria de Educação. Coordenação do Ensino Médio. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba**. Conhecimentos de Diversidade Socio-cultural.. João Pessoa: A União, 2007.

RODRIGUES, T. ABRAMOWICZ, A. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educação e Pesquisa**, v.39, n.1, p. 15-30, jan./mar. 2013.